

25/6/98, 21  
273

# Pecuária também devasta a Amazônia

*Censo Agropecuário do IBGE mostra que fazendeiros tomam o lugar dos madeireiros como vilões do desmatamento na região*

Warner Bento Filho  
Da equipe do Correio

Os madeireiros devem perder o título de grandes vilões da destruição das florestas no Amazonas este ano, desbancados pelos fazendeiros. A expansão da pecuária nas fazendas é, segundo o superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) no estado, Hamilton Casara, a principal responsável pelos desmatamentos e queimadas na região.

Segundo o superintendente, este ano houve um incremento das atividades na zona rural do estado, em comparação com os três anos anteriores, o que provocou o aumento dos desmatamentos e das queimadas. "Atualmente, 80% das queimadas são de áreas já abertas, para renovação dos pastos nas grandes fazendas", diz.

Os dados do Censo Agropecuário, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comprovam a expansão da criação de gado na Amazônia. Entre 1985 e 1995, a área das lavouras no estado diminuiu de 287 mil hectares para 235 mil.

O censo também mostrou que mais da metade (51%) das florestas nativas nas fazendas do Amazonas desapareceram entre 1985 e 1995. As matas representam hoje 63% da

área dos estabelecimentos agropecuários. A lei obriga as propriedades a preservarem pelo menos 80% de sua vegetação nativa.

Enquanto isso, as pastagens aumentaram de 209 mil hectares para 320 mil — um incremento de mais de mil quilômetros quadrados. A área de pastagem cresceu para abrigar um rebanho cada vez mais numeroso. O estado que tinha 425 mil cabeças de gado em 1985 tem agora quase o dobro: 734 mil cabeças (42% a mais).

Em plena operação de fiscalização na Amazônia — batizada de Macauã 2 —, o superintendente do Ibama tem sobrevoado diariamente a floresta. "Ainda não há dados para avaliar se a taxa de desmatamento aumentou em relação ao ano passado, mas pelo que se pode observar nos sobrevôos, o número é sem dúvida expressivo", conta Casara.

## SEM FUTURO

A quase totalidade dos fazendeiros da Amazônia não faz qualquer manejo de pastagens em suas propriedades. Novas áreas de pasto são formadas a cada ano com a derrubada da floresta e a queima das árvores — inclusive as de valor comercial.

"Se os fazendeiros cuidassem dos pastos nas áreas já abertas, não seria necessário derrubar mais floresta. Este modelo tem que ser

Adauto Cruz 8.10.96



O desmatamento de florestas nativas na Amazônia: destruição chega a 51% da cobertura vegetal entre 1985 a 1995, segundo comprovação do Censo Agropecuário

repensado. Ele não tem produtividade e não é sustentável", acusa o superintendente.

O uso do fogo, além dos prejuízos à biodiversidade da região, empobrece o solo, diminuindo sua fertilidade e a produtividade da lavoura. Além disso, a terra sem cobertura vegetal fica exposta à erosão, que provoca o açoreamento dos rios e

dificulta a reprodução dos peixes.

"Com o tempo, o custo para a recuperação do solo se torna mais elevado que o valor da propriedade. É mais uma prova de que este modelo não é sustentável", diz Casara.

A expansão da pecuária na região, segundo o superintendente, também significou avanços sociais e econômicos no estado. "As condi-

ções de vida não melhoraram. Os trabalhadores continuam recebendo salários baixos e o emprego de mão-de-obra é baixo", diz.

Com efeito, o número de trabalhadores empregados nas fazendas do Amazonas diminuiu drasticamente entre 1985 e 1995. Eram 545,1 mil e somam 350,4 mil agora. Uma diferença de 194,7 mil postos

de trabalho a menos, segundo dados do IBGE.

Segundo o engenheiro agrônomo José Hermeto Hofmann, especializado em economia rural, a pecuária exige muito menos investimentos que a agricultura e emprega pouca mão-de-obra, o que explica a queda no nível de emprego na zona rural da Amazônia.